

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
GLÁUCIO ANTÔNIO MOREIRA**

A PAIDÉIA GREGA E AS PERSPECTIVAS DO POVO GREGO

Juiz de Fora
2022

GLÁUCIO ANTÔNIO MOREIRA

A PAIDÉIA GREGA E AS PERSPECTIVAS DO POVO GREGO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles.

Juiz de Fora
2022

MOREIRA, Gláucio Antônio. **A Paidéia grega e as perspectivas do povo grego.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles (UniAcademia)
Orientadora

Prof. Me. Emílio Cunha Amorim (UniAcademia)

Prof.^a Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 01/12/2022.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me deu saúde e força para superar as dificuldades e com muito amor, à minha família, em especial meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por me permitir realizar este trabalho, pois tudo que faço é com Ele e para Ele.

A minha família, berço de ensino onde foi constituído pessoa, aos meus pais Solange Maria (*in memoriam*) e Antônio Carlos, ao meu irmão Glauber que me incentivaram e foram meus primeiros professores me mostrando e ensinando os valores que tornaram quem eu sou.

A Arquidiocese de Juiz de Fora que muito contribuiu investindo e acreditando em mim. Ao Seminário Santo Antônio, casa que me acolhe e incentiva na formação acadêmica e espiritual.

A coordenadora do curso de filosofia professora-mestra Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, pelo zelo e competência durante todo o tempo de pandemia, que sem medir esforços, conduziu-nos com maestria.

Aos professores do curso de filosofia, pelos ensinamentos, pelas aulas, despertando em nós o amor pelo saber.

Aos meus inúmeros amigos, seminaristas, professores e padres que apoiaram e rezaram para que este acontecesse da melhor maneira possível.

[...] A essência de toda a verdadeira
educação ou Paidéia é a que dá ao
homem o desejo e a ânsia de se tornar
um cidadão perfeito [...]
Werner Jaeger

RESUMO

MOREIRA, Gláucio Antônio. **A Paidéia Grega e as Perspectivas do Povo Grego**. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2022.

Este trabalho teve por objetivo lançar luz ao conceito de Paidéia – que descreve justamente a noção de educação na sociedade grega clássica, fundamentado no pensamento do filósofo Platão. Foi utilizada como metodologia de pesquisa a revisão bibliográfica de cunho qualitativo sobre o tema central e sobre os conceitos ligados à educação e à pedagogia. Foi trazido como parte do entendimento da Paidéia, um conceito anterior, o da Areté, que faz referência às virtudes praticadas na pólis clássica. A educação grega já pensava o ser humano de forma integral, desenvolvendo simultaneamente corpo e mente, estimulando a prática desportiva e trabalhando temas ligados à cultura, como as artes, música, literatura, dentre outros. A partir dos estudos filosóficos, os futuros cidadãos atenienses poderiam conhecer o seu próprio ser e alcançar o mundo das ideias, tendo acesso ao conhecimento verdadeiro. Para tal, foi selecionada como principal referencial teórico as obras de Platão **A República** (Platão, 2007), além de comentadores e historiadores da filosofia, no intuito de subsidiar o tema proposto. A questão que justifica a pertinência desta pesquisa é a de reforçar a importância universal dos gregos como educadores, valorizando o lugar do indivíduo na sociedade. A educação aparece como uma realidade irreduzível nas sociedades humanas e sua origem se confunde com as origens do próprio homem.

Palavras-chave: Platão. Paidéia. Areté. Educação. História da Educação.

ABSTRACT

This work aimed to shed light on the concept of Paideia – which precisely describes the notion of education in classical Greek society, based on the thinking of the philosopher Plato. A qualitative bibliographical review on the central theme and also on concepts related to education and pedagogy was used as a research methodology. It was brought as part of the understanding of Paideia, a previous concept, that of Areté, which refers to the virtues practiced in the classical polis. Greek education already thought of the human being in an integral way, simultaneously developing body and mind, stimulating sports and working on themes related to culture, such as the arts, music, literature, among others. From philosophical studies, future Athenian citizens could know their own being and reach the world of ideas, having access to true knowledge. To this end, the works of Plato, **Republic** (Plato, 2007) were selected as the main theoretical reference, in addition to commentators and historians of philosophy, in order to support the proposed theme. The question that justifies the pertinence of this research is that of reinforcing the universal importance of the Greeks as educators, valuing the place of the individual in society. Education appears as an irreducible reality in human societies and its origin is intertwined with the origins of man himself.

Keywords: Plato. Paideia. Areté. Education. History of education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O CONTEXTO EDUCACIONAL DA PAIDÉIA	11
2.1	A TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DOS POVOS GREGOS	12
3	O SURGIMENTO DA PAIDÉIA ENQUANTO PENSAMENTO EDUCACIONAL	18
3.1	PLATÃO	18
4	AS MANIFESTAÇÕES DO COTIDIANO GREGO	23
4.1	ARETÉ	26
5	A IMPORTÂNCIA GREGA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	30
5.1	FORMAÇÃO INTEGRAL DOS SUJEITOS	32
5.2	A EDUCAÇÃO COMO UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

A filosofia platônica tem como fundamento a racionalidade. Assim, a educação expressa nas obras de Platão tem projeções políticas, pois, para ele, o objetivo da educação era formar cidadãos capazes de opinar e participar das decisões sobre os rumos da sociedade a fim de garantir a soberania da cidade-estado. Este trabalho se propõe a refletir sobre o modelo platônico de formação educacional racional, aqui descrita na obra intitulada Paidéia.

Para cumprir com tal objetivo, esta pesquisa tratou de conceituar Paidéia, refletir e pensar no significado de um modelo de educação racional. Diante disso, a questão central a ser pesquisada pode ser assim descrita: em que medida a Paidéia favorece o desenvolvimento de uma formação humana integral?

Nesse viés, acreditamos que a noção de formação e de educação, no contexto da sociedade grega socrática platônica, está relacionada a uma forma de ver e localizar-se no mundo. Não se dá apenas para o conhecimento ou para a aprendizagem de alguma atividade, mas sim, voltada para a coletividade, para a totalidade e o bem comum, ou seja, para o universal.

A partir de tal questionamento, será levado em consideração o próprio significado do vocábulo Paidéia (*παιδεία*), termo do grego antigo, empregado para descrever a noção de educação na sociedade grega clássica. Inicialmente, a palavra derivada de paidos (*pedós*: criança), significava simplesmente criação dos meninos, ou seja, referia-se à educação familiar, aos bons modos e princípios morais.

O termo Paidéia pode fazer referência a diferentes significados, pois é resistente as formulações conceituais abstratas. Tal conceito pode ser comparado a outros conceitos de definições complexas, como a filosofia e a cultura, porém, ele afirma que o mesmo consegue definir com exatidão o significado da história, dos ideais e dos caminhos que a educação grega percorreu.

Nessa lógica, também pode ser compreendida como uma orientação de vida, ou seja, apresenta-se como um conjunto de orientações seguras, que indicam o caminho para se alcançar a felicidade. Os novos educadores, além de ensinar o homem a especular em torno da verdade, buscam enfatizar que é preciso aprender a viver de forma virtuosa.

A Paidéia surgiu diante da preocupação com a formação e desenvolvimento dos jovens gregos, que resultou na disseminação da influência da cultura grega por

todo o ocidente, assim como nos princípios da educação pautada na racionalidade. Assim, os alcances pedagógicos dessa prática da dialética estão sempre voltados ao coletivo, ou seja, mesmo efetuado individualmente, é a universalidade que se apresenta como essência.

Diante do exposto, o presente trabalho será realizado através de pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, que dará origem a um texto autoral etnográfico a partir da leitura de obras que ofereçam sustentação teórica à temática proposta que é elucidar a Paidéia de acordo com a filosofia platônica, articulada à educação. Por fim, esse trabalho faz-se importante pela necessidade de analisar a Paidéia no sentido de educar o ser, proporcionando o desenvolvimento de suas potencialidades baseando-se em um modelo educacional fundamentado na racionalidade lógica.

Assim, para o desenvolvimento da temática proposta, esta monografia será constituída da seguinte maneira: Na primeira sessão será tratada o conceito referente a Paidéia grega. Na segunda foi apresentada a realidade educacional em que a Paidéia está inserida, tentando mostrar as raízes gregas como ponto de partida para a construção de uma nova forma de entender a educação.

Na sessão três será trabalhada a ideia da Paidéia no contexto educacional tendo em Platão seu grande referencial sobre o assunto. Em seguida, na quarta sessão, serão trabalhadas as habilidades humanas como fator importante no processo educacional, assim como técnicas que ajudem neste processo. Surge a partir daí a necessidade de uma metodologia de caráter científico para nortear o processo educacional. Trabalharemos ainda o conceito de areté, como forma de contextualizar as ideias, já que é a partir da areté que se chega ao conceito de Paidéia.

E por fim, na parte final deste trabalho, será apresentada, na sessão cinco, uma reflexão sobre a relevância da cultura grega para a história da educação ocidental até os tempos atuais, aplicáveis na prática educacional em seus diversos segmentos. Será exaltada, ainda, a figura do educador como essencial agente norteador de todo o entendimento de educação que utilizamos até hoje. O educador é aquele que propiciará ao educando as ferramentas e os meios para que se entenda o processo educacional como algo em permanente construção.

2 O CONTEXTO EDUCACIONAL DA PAIDÉIA

A educação é uma importante ferramenta para o desenvolvimento, emancipação e transformação de uma sociedade e dos seres humanos, à medida que, por meio do conhecimento, são conduzidos a uma consciência de si mesmos e do mundo em que vivem. O desenvolvimento social de um povo ocorre por causa da transmissão de normas e valores construídos culturalmente, os quais são ensinados no processo educativo dos sujeitos. Ou seja, a educação é a forma pela qual os indivíduos transmitem e conservam seus costumes, como afirma Jaeger: Todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual (JAEGER, 1995).

Diante disso, cumpre realizar um breve panorama do contexto educacional grego, buscando suas raízes, uma vez que a Grécia se configura como o berço das civilizações. A partir disso, é importante expor os conceitos fundamentais da Paidéia, modelo educacional grego, a fim de compreender suas contribuições para o modelo de educação atual. Portanto, a compreensão dos valores e crenças do homem grego é crucial para o entendimento de suas concepções educacionais. A educação grega era voltada para o desenvolvimento do corpo e da mente, por meio das atividades esportivas, dos estudos filosóficos e da cultura; que compreendia a arte, a música, a literatura, entre outros.

Na Paidéia grega, os educandos eram submetidos a tratamentos que atendiam a todos os aspectos da vida social e, para isso, eram inseridos em diversas áreas do conhecimento como: Geografia, História, Gramática, Matemática, Filosofia, Ginástica e Música, com o objetivo de formar plenamente o indivíduo para a *pólis*, capacitado para exercer suas funções, seja na política, na segurança ou em outras áreas. Assim:

O termo Paidéia não pode ser traduzido simplesmente como educação, significa muito mais que isso, significa também cultura, instrução e formação do homem grego. Este termo começou a ser utilizado no séc. IV a.C. e nesta época significava apenas a criação dos meninos. Mas o seu significado se alargou e passou a designar também o conteúdo e o produto dessa educação. Torna-se claro, porque, a partir do séc. IV os gregos deram o nome de Paidéia a toda a sua tradição (LOBATO, 2001 apud ORTH. *et al*, p. 49).

Dessa forma, percebemos que a educação é assumida como uma ação consciente, em que a política e a ética configuram sua essência, posto que a partir dela o homem terá subsídios para conviver com seus pares em sociedade. Isto posto, faz-se necessário um breve panorama sobre a influência dos mitos e da religião nos valores dos povos gregos; sobre a trajetória educacional; e sobre as manifestações culturais desse povo.

2.1 A TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DOS POVOS GREGOS

Como dito anteriormente, a Paidéia pode ser entendida como a busca por uma teoria educacional, sem se apoiar na religião e nos mitos, em que o homem tem o seu desenvolvimento pleno para agir em sociedade, sendo um ideal concebido pela filosofia grega. Historicamente, houve muitas alterações nas concepções educacionais. Inicialmente, os poetas, por meio dos mitos, transmitiam valores a serem reverberados pelo povo, como exemplo, temos a literatura de Homero, *Ilíada*, que segundo Werner Jaeger: “ainda em outro aspecto é a *Ilíada* testemunho da elevada consciência educadora da nobreza grega primitiva” (JAEGER, 1995, p. 48). Assim, percebemos que os valores, o ideal do homem perfeito, o culto aos deuses, poderiam ser reafirmados por meio da mitologia grega.

Ademais, os estudos de Werner Jaeger afirmam que os sofistas foram os fundadores da ciência da educação, tendo a filosofia e a retórica como princípios básicos. Os sofistas se preocupavam com o bem falar em público, principalmente por aqueles que almejavam funções públicas. Assim, por meio de discursos eloquentes, buscavam satisfazer seus interesses. Entretanto, esses ideais foram refutados por Sócrates, enquanto os sofistas defendiam a fama, a glória e a honra como valores a serem alcançados.

A perspectiva socrática buscava o conhecimento, a técnica, a ética, como valores internos a serem realizados. Ideias essas que foram defendidas e disseminadas por Platão. Discípulo de Sócrates, suas concepções sobre a imortalidade da alma, do mundo metafísico, da busca da excelência humana e da natureza da realidade influenciaram toda a civilização ocidental, como pode ser constatado em Aristóteles, Plotino, Agostinho, entre outros.

Dentre as muitas contribuições do filósofo, cabe ressaltar a Academia Platônica, conhecida como a primeira universidade da história, na qual seus

discípulos recebiam ensinamentos formais nas seguintes áreas: geometria, matemática, filosofia e ciências. Platão combateu os sofistas por acreditar que os mesmos não se preocupavam com a busca pelo verdadeiro conhecimento, o que comprometia a formação dos futuros cidadãos atenienses. O filósofo buscou formalizar seus conhecimentos por meio de disciplinas que buscavam dar respostas a alguns questionamentos, como por exemplo: Como nós aprendemos? Qual seria o sistema político ideal? O que é a alma humana e como ela se constitui?

Assim, a fim de responder a tais questões, encontra-se em Platão diversos tratados e escritos em forma de diálogo, tendo Sócrates como protagonista. São, ao todo, 35 diálogos, dentre os quais os mais conhecidos são: Apologia de Sócrates, que fala sobre os últimos momentos de seu mestre; Hípias menor, discute sobre as noções de verdade, mentira e justiça; Hípias maior, reflete sobre o que é belo e sobre as artes; Górgias, fala sobre os sofistas e a arte da retórica; Fédon, desenvolve ideias sobre a constituição do homem, da alma e sobre reencarnação; O Banquete, expõe suas crenças sobre o amor e sobre o bem e o mal; e A República, apresenta um modelo ideal de política para a *pólis* (PLATÃO, 2007).

Em síntese, suas obras abordam os seguintes temas: arte, medicina, vício, virtude, religião, justiça, amor, dor, política, sabedoria, sexualidade e natureza humana. Ao considerarmos a metodologia de ensino, o método dialético foi o instrumento escolhido por Platão, seguindo de perto os ensinamentos de seu mestre. A filosofia platônica possui diversos conceitos que nos ajudam a entender a concepção de mundo do filósofo. A dialética é uma técnica utilizada para se chegar a uma conclusão por meio do diálogo entre ideias contrárias. Por meio do debate, buscava-se a resolução dos questionamentos que iniciaram o debate.

O realismo defendido por Platão é uma visão de que existem universais, termo que se refere as propriedades de um objeto que pode existir em mais de um lugar ao mesmo tempo. Isso significa que a verdadeira realidade não está neste mundo, ela é alcançada somente pela razão por meio da abstração. De acordo com Platão, todas as coisas têm uma forma pura, sem aparências, o que constitui uma forma ideal, também chamado de idealismo. No alcance dessas formas puras, chegava-se ao conhecimento verdadeiro, pois aquele advindo dos sentidos era enganoso. Por isso, essas ideias reforçam a busca pela essência, pela verdade.

O mundo das ideias de Platão trata-se de uma instância metafísica que só pode ser alcançada por meio da razão. Neste mundo, habitariam as ideias

principais. Aquilo que vemos são sombras imperfeitas daquilo que só existe no mundo das ideias, teoria chamada de dualismo. Para alcançar o mundo das ideias é preciso utilizar a razão, abstrair a aparência física e alcançar uma definição imutável. No dualismo de Platão, a figura do mundo físico era separada da figura do mundo abstrato, o mundo das ideias, no qual encontramos as formas perfeitas.

Em sua busca por uma política ideal, Platão fala dos problemas relacionados à justiça e suas definições, bem como sua noção mais idealizada, sua organização e suas qualidades para uma sociedade mais justa. Nesta concepção, um filósofo deveria ser rei ou um rei deveria ser filósofo para conduzir o governo com justiça. No pensamento platônico somente os filósofos conseguem enxergar as coisas como são, pois, podem ver além do mundo sensível, ou seja, ver as coisas como elas realmente são.

Diante disso, uma sociedade ideal deveria ser composta por três camadas. A primeira camada é composta pelos trabalhadores do gênero alimentício como comerciantes, agricultores, entre outros. A segunda camada é composta pelos administradores e soldados. Já a terceira é composta pelos filósofos governantes, uma vez que possuem um caráter racional e por isso seriam mais capacitados e superiores.

Cada uma dessas camadas estaria diretamente ligada às ideias de Platão sobre a concepção de caráter, assim, o filósofo fez a divisão em três grupos, como veremos a seguir: a) caráter concupiscível: relacionado com as vontades e os desejos, dessa forma, o grupo de pessoas que praticavam trabalhos braçais se associavam a este caráter; b) caráter irascível: relacionado à ira, à atitudes impulsivas e, por isso, essa camada deveria dedicar-se às funções militares; c) caráter racional: marcado pela racionalidade, por isso, essas pessoas deveriam ocupar as funções na política e na justiça (PLATÃO, 2007).

Platão foi um grande pensador que trouxe muitas contribuições para o campo educacional. Ele acreditava que a educação era um dever do Estado e tinha de ser para todos, sem distinção de gênero, ou seja, meninos e meninas deveriam acessar universalmente a educação. Na visão do filósofo, o bem comum, a solidariedade, a sociedade em geral, precisam estar acima do individual, pois, só assim, haveria uma sociedade mais justa. Na ótica platônica, o processo educativo começava bem cedo, inicialmente, por meio de jogos, no qual as crianças

participavam de jogos educativos com o intuito de formar seu caráter. Havia uma preocupação com a formação da personalidade e da moralidade.

Posteriormente, os jovens deveriam aprender a ler e a escrever, entrando em contato com autores consagrados, com a poesia e com a prosa. Depois disso, os educandos deveriam entrar em contato com a formação musical, a fim de apreciar o belo, virtude que permite o alcance do saber e da prática de justiça. Ademais, a arte da música seria uma base para os estudos da Matemática, Ciências e História. Cabe frisar que o processo educativo era longo. Platão acreditava que o talento era revelado aos poucos.

Após os estudos sistemáticos dos conteúdos, os jovens deveriam interromper os seus estudos e ingressarem no serviço militar. Nesse momento, haveria a possibilidade de diferenciação entre aqueles cujas habilidades os permitiriam continuar na carreira militar e aqueles que seguiriam em cursos superiores em filosofia. Somente os que eram aprovados em rígidos testes, com alto grau de instrução, poderiam avançar nos estudos de filosofia.

A partir dos estudos filosóficos, os indivíduos poderiam conhecer o seu próprio ser e alcançar o mundo das ideias, encontrando a verdade e abandonando o mundo das sombras, das inverdades. Por meio desse modelo de educação, estariam formados o governante filósofo e os demais cidadãos, os responsáveis pela guarda da cidade, os comerciantes e outros civis. O governante, tendo descoberto a verdade do mundo das ideias, estaria apto para governar acima de seus interesses, buscando sempre o bem comum, ideal de Estado pensado por Platão.

Assim, a educação é concebida como: “elevação que parte do escuro aprisionamento as sombras visíveis no mundo empírico, chega à visão dos objetos que jogam sombra, depois a contemplação clara das ideias e, por fim, a percepção da ideia do Bem, que tudo ilumina como o sol” (BOHM, 2010, p. 28). Dessa maneira, percebemos que o ideal de educação para Platão valoriza não só o ensino de conteúdos sistematizados, dos conhecimentos produzidos pela sociedade, mas também valoriza a formação ética e moral dos indivíduos, como afirma Bohm:

A pedagogia platônica não se limita a transmissão de conhecimento por meio de ensinamentos e aulas ou ao exercício de habilidades por meio da adaptação e da socialização, tampouco a evolução de capacidades pelo desenvolvimento e assistência ao desenvolvimento. Ela almeja a convenção e a transformação do Homem como um todo, do mundo aparente dos objetos individuais mutáveis e das opiniões lá reinantes para o mundo real e

confiável das ideias e do conhecimento da verdade que lá é possível. Este conhecimento não vem de fora, mas, em última instância, é a lembrança e a atividade da própria razão (BOHM, 2010, p. 28).

Além disso, entendemos que há uma estrita relação entre educação e política, uma vez que o processo educacional prepara os sujeitos para a vida em sociedade. Na concepção platônica, a educação é libertadora. Essa afirmação podemos constatar no mito da caverna, pois, “o homem nasce nessa situação de caverna, portanto, de ignorância. A tarefa do filósofo educador é mostrar o caminho aos acomodados da caverna, para que estes superem seu estado de ignorância” (TEIXERA, 1999, p. 2).

Assim, de acordo com Teixeira (1999), entendemos que o homem deve superar sua ignorância na busca da verdade, que é o conhecimento do bem, pois, o bem está associado à sabedoria enquanto busca da verdade. O amor pela sabedoria e pela verdade possibilitará que o bem seja praticado. Eis o objetivo supremo da Educação.

Dessa forma, o educador, partindo desses ideais, deve ser aquele que motiva seus alunos a buscarem a verdade, a buscarem o conhecimento a fim de que eles se libertem da ignorância. Segundo Teixeira (1999), a saída da caverna é um aprender. A educação surge não apenas como superação, mas, sobretudo, como uma maneira de colocar o então prisioneiro diante da sua própria verdade. Essa mudança de verdade é antecedida pela mudança daquele que a vê. Por isso, todo esse processo gera uma crise, e essa crise, se manifesta como uma mudança radical no seu processo de pensar e também de atitude diante da realidade.

Paralelo a isso, vemos que a apreciação da verdade permite a liberdade dos indivíduos, uma vez que ela traz uma busca continuada pela justiça e pela virtude, pois, para o filósofo, toda virtude é um tipo de conhecimento. Educar é uma importante ferramenta para uma política justa, pressuposto que deve ser praticado e defendido por toda a sociedade.

Dessa forma, temos respaldo em Platão no que se refere às pedagogias da atualidade, visto que não é desejável apenas a transmissão de conhecimentos, mas sim a busca ativa por respostas e soluções às indagações propostas pelo educador. A procura pela verdade é mais importante do que a resolução de dogmas incontestáveis. Assim, por meio do processo dialético, obtém-se o aprendizado.

Portanto, concluímos que o ideal educacional platônico se preocupava com uma verdadeira reforma social e se preocupava com a formação humana, posto que a partir da busca pelo conhecimento, os cidadãos poderiam ser relevantes para a sociedade, contribuindo para o cumprimento da justiça. Assim, a educação é vista como uma ferramenta de emancipação, libertação e transformação do indivíduo que poderá contribuir significativamente para um Estado mais justo.

3 O SURGIMENTO DA PAIDÉIA ENQUANTO PENSAMENTO EDUCACIONAL

A origem da Paidéia está condicionada pelo nascimento da filosofia grega e, essa, interligada a poesia, ao mito e a religião. Essa compreensão, seja oferecida pelo mito, seja trazida pela religião ou pela poesia, já trazem implicitamente os problemas ligados a filosofia e a educação. Platão e Aristóteles reordenaram o sentido do pensamento filosófico. Eles fundaram a natureza do pensamento educativo. Portanto, o surgimento da filosofia da educação e mesmo depois de milhares de anos ao longo da história, este processo formativo ainda permanece.

A tentativa de formar ou modelar o homem é tão antigo quanto ele próprio. Quem nos conta isso é o próprio Platão, ao dizer que os primeiros tempos precisavam ainda de engenho e arte. O que aproxima os heróis da virtude, da beleza, da força, da garra, da potência é o processo educativo. Para os gregos antigos, a formação na área da educação está intimamente vinculada à ideia de areté. Na Grécia antiga, o mito já era uma referência, quando oferecia a imagem do herói a ser imitado pelo homem, como modelo a ser perseguido (OLIVEIRA, 2015).

3.1 PLATÃO

Nesta seção foi apresentado um panorama da vida e obras produzidas por Platão, bem como suas principais ideias, objetivo central deste trabalho. Platão (428 a.C-347 a.C.), cujo verdadeiro nome era Arístocles, nasceu em Atenas, era de família aristocrática, descendentes de Sólon, um dos mais importantes legisladores gregos. Com isso, Platão pôde se dedicar aos estudos e sua formação abarcou diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo, a leitura, a escrita, a pintura, a poesia, a música e a filosofia.

O filósofo tomou para si a tarefa de publicar os diálogos de seu mestre, Sócrates, sendo também responsável por imortalizar as ideias de outros filósofos gregos antigos, entre eles Pitágoras, Parmênides e Heráclito. Discípulo de Sócrates, suas concepções sobre a imortalidade da alma, do mundo metafísico, da busca da excelência humana e da natureza da realidade influenciaram toda a civilização ocidental, como pode ser constatado em Aristóteles, Plotino, Agostinho, por exemplo.

Dentre as muitas contribuições do filósofo, cabe ressaltar a Academia Platônica, conhecida como a primeira universidade da história, na qual seus discípulos recebiam ensinamentos formais nas seguintes áreas: geometria, matemática, filosofia e ciências.

Combateu os sofistas por acreditar que os mesmos não se preocupavam com a busca pelo verdadeiro conhecimento, o que comprometia a formação dos futuros cidadãos atenienses. O filósofo buscou formalizar seus conhecimentos por meio de disciplinas que buscavam dar respostas a alguns questionamentos, como por exemplo: como nós aprendemos? Qual seria o sistema político ideal? O que é a alma humana e como ela se constitui?

Em síntese, suas obras abordam os seguintes temas: arte, medicina, vício, virtude, religião, justiça, amor, dor, política, sabedoria, sexualidade e natureza humana. Ao considerarmos a metodologia de ensino, o método dialético foi o instrumento escolhido por Platão, seguindo de perto os ensinamentos de seu mestre.

A filosofia platônica possui diversos conceitos que nos ajudam a entender a concepção de mundo do filósofo. A dialética é uma técnica utilizada para se chegar a uma conclusão por meio do diálogo entre ideias contrárias. Por meio do debate, buscava-se a resolução dos questionamentos que geram o debate. O realismo é importante para se chegar a conclusões, visto que a razão é essencial para a percepção do que faz sentido ou não.

O realismo defendido por Platão é uma visão de que existe universais, termo que se refere as propriedades de um objeto que pode existir em mais de um lugar ao mesmo tempo. Isso significa que a verdadeira realidade não está neste mundo, ela é alcançada somente pela razão por meio da abstração.

De acordo com Platão, todas as coisas têm uma forma pura, sem aparências, o que constitui uma forma ideal, também chamado de idealismo. No alcance dessas formas puras, chegava-se ao conhecimento verdadeiro, pois aquele advindo dos sentidos era enganoso. Por isso, essas ideias reforçam a busca pela essência, pela verdade.

O mundo das ideias de Platão trata-se de uma instância metafísica que só pode ser alcançada por meio da razão. Neste mundo, habitariam as ideias principais. Aquilo que vemos são sombras imperfeitas daquilo que só existe no mundo das ideias, teoria chamada de dualismo. Para alcançar o mundo das ideias é

preciso utilizar a razão, abstrair a aparência física e alcançar uma definição imutável. No dualismo de Platão, a figura do mundo físico era separada da figura do mundo abstrato, mundo das ideias; no qual encontramos as formas perfeitas.

Assim, tendo exposto os principais conceitos desenvolvidos por Platão, faz-se necessário apresentar um breve resumo de uma de suas principais obras: A República. Nela, identificamos seus principais conceitos e percebemos que o tema central desenvolvido é sobre a natureza da justiça. A obra é composta por dez livros/capítulos que descrevem uma sociedade ideal, na qual são necessárias significativas mudanças para a melhoria social. De maneira semelhante aos demais escritos, o livro estrutura-se em forma de diálogo e Sócrates é o protagonista. A principal questão é: Qual é o modelo ideal de se governar? Sua ideia de governo baseava-se no idealismo e na busca pela verdade.

Em sua busca por uma política ideal, Platão fala dos problemas relacionados à justiça e suas definições, bem como sua noção mais idealizada, sua organização e suas qualidades para uma sociedade mais justa. Nesta concepção, um filósofo deveria ser rei ou um rei deveria ser filósofo para conduzir o governo com justiça. Somente os filósofos conseguem enxergar as coisas como são, pois podem ver além do mundo sensível, ou seja, ver as coisas como elas realmente são.

Diante disso, uma sociedade ideal deveria ser composta por três camadas. A primeira camada é composta pelos trabalhadores do gênero alimentício como comerciantes, agricultores etc. A segunda camada é composta pelos administradores e soldados. Já a terceira é composta pelos filósofos governantes, uma vez que possuem um caráter racional e por isso seriam mais capacitados e superiores. Assim, Platão sugere:

S – Portanto, a confusão entre as três classes e suas trocas recíprocas trazem prejuízo irremediável para o Estado e poderiam, de pleno direito, ser consideradas crime.

G – Claro que sim.

S – E o crime mais grave cometido contra o próprio Estado não o definiria você de injustiça?

G - Mas que dúvida!

S – Nisso, portanto, consiste a injustiça. Ao contrário, poderia ser justiça e contribuir a tornar justo o Estado, a divisão das funções entre os mercadores, os auxiliares, os defensores, sempre que cada uma dessas três categorias cumprisse seu próprio dever?

G - Parece-me que não pode ser de outra maneira (PLATÃO, 2007, p. 145).

Então, a partir dessa obra, podemos entender a filosofia de Platão e suas concepções de homem, Estado, política. Portanto, para o autor: “Justiça é dizer a verdade e restituir o que se tomou” (Platão, 2007, p. 331). Platão também traz como centralidade a educação, o ensino sistematizado para garantir a aquisição do conhecimento por parte dos indivíduos. Como forma de representar a passagem do homem da ignorância para a verdade (conhecimento), apresenta-se o Mito da Caverna, escrito para exemplificar a busca ativa do homem.

No Mito da Caverna, havia homens acorrentados em uma caverna que eram constantemente enganados pelas sombras. Esses homens sempre estiveram ali, nunca tinham saído, eles não sabiam o que existia do lado de fora. Nessa caverna, havia uma tocha sobre uma colina, que brilhava e projetava sombras na parede, então, eles viam as sombras e como não sabiam a verdade, pensavam que as sombras que viam era a realidade. Porém, um dos homens se libertou das correntes e conseguiu sair da caverna e ver as coisas como elas realmente eram (BARRETO, 2015).

No início, a luz do sol trazia muita dificuldade, uma vez que o homem vivia no escuro da caverna, porém, seus olhos se acostumaram e ele percebeu que tinha passado a vida vendo apenas sombras, que são aspectos imperfeitos do real. Após isso, o homem voltou à caverna, ansioso, para contar o que havia visto do lado de fora para os companheiros, mas, eles não conseguiram acreditar e atacaram-no por tentar libertá-los. Dessa forma, os demais prisioneiros continuaram na mesma situação.

Com isso, através deste mito, Platão buscou mostrar que somos prisioneiros e que nossos sentidos nos permitem experienciar apenas sombras, ou seja, aspectos imperfeitos da realidade. A partir da lógica, do pensamento racional, da busca pelo conhecimento verdadeiro, conseguimos nos libertar e alcançar o entendimento das ideias universais, assim como o homem que escapou da caverna. Neste mundo, devemos ser capazes de buscar a realidade, a natureza das coisas, escapando das aparências e das realidades imperfeitas. Só podemos chegar à verdade quando optamos por sair da caverna.

Portanto, umas das teses mais defendidas por Platão é a busca pela verdade e a filosofia é a forma de alcance dessa verdade. Assim, através de uma educação formal, fornecida pelo Estado, descobriam-se as potencialidades dos

jovens gregos e, assim, encontravam aqueles que tinham aptidões para governar, para prestar serviços à população e para trabalhar no comércio.

A educação, a partir do Mito da caverna, tem o papel de libertar o homem da ignorância. Faz-se necessário superar as aparências ilusórias da realidade e contemplar o verdadeiro mundo real, o mundo das ideias segundo o filósofo. Para Platão, possibilitar uma educação adequada é auxiliar o educando a se libertar da alienação e caminhar em direção ao mundo inteligível.

4 AS MANIFESTAÇÕES DO COTIDIANO GREGO

É preciso compreender que o ser humano não está pleno, completo, no que diz respeito à totalidade e no que se refere a educação. Essa, portanto, envolve tanto aspectos teóricos quanto práticos, para que possa ser desenvolvida habilidades naturais ou aprendidas, que mais se aproximam da real capacidade humana para a aprendizagem (JÚNIOR; RODRIGUES, 2010).

Se essa ideia passa a não ser considerada, pode surgir resistências na mentalidade científica de maneira geral. Isso se dá ao questionar o processo educacional, colocando-o em dúvida se pode ou não, a se desenvolver enquanto prática científica. E uma das razões pode estar relacionada a fatores sociais, econômicas e culturais:

A ciência sofreu, ao longo dos séculos, uma conversão progressiva ao estudo daquilo que é, ou seja, que existe independentemente do sujeito e que está despido de toda consideração quanto ao que deve ser. Segundo tal entendimento, a razão científica é aquela capaz de apreender o fenômeno objetivo de forma independente do modo pelo qual o sujeito a ele tem acesso. É necessário afirmar, entretanto, que essa é uma caracterização determinada do modo de a razão se afirmar no mundo e na cultura moderna, embora não tenha sido sempre assim e nem tal compreensão da razão seja total e exaustiva (HORKHEIMER; ADORNO, 1944/1985; MARCUSE, 1966/1979 apud JÚNIOR; RODRIGUES, 2010, p. 96).

A educação, diferente talvez de outros campos de atuação científica, dentro das ciências humanas e naturais, não pode existir a não ser passando pelo processo normativo. Isso ocorre por exigir uma direção para aquilo que deve ser, pois uma vez admitida a dimensão normativa da educação, nada ainda pode ser dito quanto ao seu conteúdo, isto é, quanto aquilo para o que aponta o seu dever-se. Esse aspecto ocasiona grande mal-estar entre os próprios educadores, uma vez que não há para ele uma resposta simples.

Porém, tudo isso não pode estar separado. No contexto da educação, há características fundamentais na formação humana. Todos os seres humanos surgem em meio a uma realidade em que é preciso pelo menos duas pessoas, pois desde a origem da humanidade, são seres de relações. Numa retrospectiva histórica e filosófica, é possível perceber a importância da ideia de que o projeto de dissipar a ignorância e a superstição fazem dos homens senhores de sua própria história.

Partimos do pressuposto de que os conhecimentos adquiridos pelo homem ao longo de toda a humanidade, pertencem a um tempo e esse a um campo teórico. E esse tem por objetivo, a partir do legado trazido pelos gregos, trazer a luz da educação, conhecimentos e estudos sobre a Paidéia antiga. Porém, a sociedade não seguiu a risca seu sentido real nos anos que se seguiram desde seu início, pois a Paidéia grega tinha por objetivo a formação integral do homem para melhor convívio em sociedade, o que foi se perdendo ao longo da história.

E dentro dessa realidade, quando se fala da Paidéia grega no contexto Brasil, essa tradição tem sido afastada das pesquisas científicas brasileiras, pois elas têm privilegiado ideologias dominantes, carregadas de ideais sociais, políticos, econômicos e culturais, que possuem caráter hermético e elitista, produzem e reproduzem marginalizações históricas de amplas camadas sociais da escola. Ainda segundo os autores, os gregos, como uma rica civilização helênica que ganhou destaque na África, no Mar Mediterrâneo, entre os séculos VIII e II a.C., inventaram coisas ricas de significados e instituições que existem até hoje em nossa sociedade (BERTOLINE; NUNES, 2018).

Educar implica em reconhecer que a condição humana é aprendida, que é historicamente produzida, que a educação é um projeto definido no tempo e no espaço humano e natural. Significa formar o homem, engendrar, isto é, fazer, produzir, a pessoa humana, para a vida em sociedade. Implica em reconhecer que a tarefa de fazer-se homem, a hominização de si, renova-se a cada nascimento, a cada geração, a cada criança. Somos seres sociais, animais políticos, entes sensíveis, coabitantes da mesma terra, viajantes da história, somos promessas e penhores dos futuros incertos (BERTOLINE; NUNES, 2018, p. 23).

É possível também identificar que os gregos, no contexto histórico educacional, tinham como finalidade maior a formação de um tipo elevado de homem, concretizado por meio da Paidéia. Eles entendem a educação como algo natural e universal e, com isso, a entendem como tendo um sentido moral e prático, pois preocupam-se com a formação integral do Homem. Eles apresentam o humanismo como princípio, mas esse não se desvincula do ceticismo e do relativismo. Com isso, a Paidéia sendo entendida também como forma de cultura, é considerada a herança da Antiguidade.

A própria civilização grega arcaica, de três milênios a.C., foi alicerçada por uma diversidade de culturas e etnias que formaram a civilização grega, caso dos dórios, cidadãos de Esparta; periecos, habitantes originais e os hilotas (escravos),

podendo-se afirmar que a cultura grega revolucionou a história da educação humana. Vale ressaltar que, em estágios primitivos, não havia clareza da finalidade da formação de um modelo elevado de Homem. A educação grega, nesse contexto, em especial a educação ateniense, não findou com a tomada da Grécia pelos Romanos. Passou a ser chamada pelos historiadores como cultura greco-romana (BERTOLINE; NUNES, 2018).

No entanto, houve períodos importantes na estruturação da educação grega, iniciado no período pré-homérico entre 2500 e 11000 a.C. Houve também o período Homérico, que tinha como característica marcante os poemas e epopeias, tendo a mais conhecida *Ilíada* e a *Odisseia* entre 11000 e 800 a.C.; arcaico durante a formação faz cidades estado de 800 a 500 a.C. Já no ano de 500 a 400 a.C. ocorreu o chamado período clássico com os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles. E o período helenístico, que marcou a decadência da Grécia de 336 a 146 a.C. No entanto, a importância dessa demarcação da temporalidade e da localidade histórica serve como reflexão do objeto em questão, serve para facilitar a compreensão da formação do ideal de educação grega, num processo histórico, social e cultural longo e dialético (na concepção marxista) (BORTOLINE; NUNES, 2018).

Sócrates num diálogo com Admanto, no livro IV da República de Platão, consta o relato simples de tarefas para que as cidades pudessem se desenvolver:

Adimanto – Qual é?

Sócrates – A educação da Infância e da Juventude. Porque, se os nossos jovens forem convenientemente educados e se tornarem homens esclarecidos, compreenderão facilmente isso e o que de momento deixamos de lado, a propriedade das mulheres, os casamentos e a procriação dos filhos, coisas que segundo o provérbio, devem ser tão comuns quanto possível entre amigos.

Adimanto – Será ótimo.

Sócrates – Logo que a nossa cidade tenha se desenvolvido, irá aumentando como um círculo. Um bom sistema de educação e instrução, quando preservado de toda e qualquer alteração, cria bons caracteres e, por outro lado, os caracteres honestos que receberão essa educação tornam-se melhores do que aqueles que os precedem, sob diversos aspectos e, entre outros, sob a procriação, como se verifica com outros animais (PLATÃO, 2004 apud BORTOLINE; NUNES, p. 31).

A Paidéia era, em essência, o entrelaçar da formação humana, da noção de um florescer no contexto de uma cultura ampla. Consistia para o mundo grego, um ideal também de conduta, instrução, educação, capacidade para aprender, curiosidade intelectual, desejo de saber e comungar do saber do outro (BOTO,

2002). Era procurar dentro do homem em sua essência pretendida, construir um discurso que produzisse a utopia da areté.

O conceito de Paidéia, enquanto agir do homem em sociedade, permanece como um ideal arquetípico para a Filosofia. Aplica-se a vida adulta, à formação e a cultura, à sociedade e ao universo espiritual da condição humana. A construção história chegou ao ápice no momento em que se chega à ideia de educação. Nas origens da filosofia encontramos um eixo cultural sobre a reflexão antropológica, o ser do homem e do mundo.

Neste sentido, a Paidéia lança luz para que a educação possa ser entendida como aquilo que fundamenta a sociedade. Utilizar todo o arcabouço teórico da filosofia para estruturar a educação, é apenas uma de suas possibilidades. Um outro exemplo foi buscar pontos que possam ser articulados tanto a filosofia quanto na educação. Com isso, a Paidéia poderá propiciar pesquisas a partir de grandes nomes da filosofia com o intuito de resgatar e propiciar caminhos possíveis para a educação.

Hoje a Filosofia e a Educação veem-se desafiadas a pensar a articulação sobre as novas formas de informação e produção do conhecimento e ao amplo avanço tecnológico. A exploração de novos paradigmas para a escola e, de novos perfis para o professor numa sociedade em que o aprendizado é permanente e constante, dá-se em múltiplas instituições. E através das diversas e variadas integrações do cotidiano, e as linhas demarcatórias entre aprendizagem, trabalho e entretenimento, é que se tornam menos nítidas. Todas estas questões estão postas para a investigação sociocrítica propositiva da Filosofia (PAIDEIA, 2012).

4.1 ARETÉ

Areté é um conceito grego que faz referência às virtudes da pólis clássica, que significa piedade, bravura, ponderação e justiça. É da ideia da areté que se chega ao conceito de Paidéia. “Eram noções voltadas a uma utopia construída com vistas à criação e ao fortalecimento dos laços entre os homens. Voltada essencialmente para o desenvolvimento de lastros de formação, capazes de conferir a máxima dignidade à condição de homens livres” (BOTO, 2002, p. 2). E com isso eram homens de ação para a esfera pública.

De acordo com Mannheim (1986 apud BOTO, 2002), situar a perspectiva de uma nova Paidéia como ação necessária da ação educativa, é o que congrega o ensino como uma marca. E para isso, requer discernimento, prudência e humildade.

Como prática essencialmente humana, a educação tende a refletir os paradigmas e o imaginário coletivo da sociedade de onde fala, reproduzindo valores, saberes, práticas, crenças, tradições; mas também vicissitudes, incertezas, perplexidades e contradições que permeiam o tecido social. Ao tornar-se pedagogia, a educação passa a constituir objeto específico de um estudo sobre o ser humano por vir. Compreender a prática educacional supõe, portanto, contemplar um dado vir a ser, admirar-se com ele, tentar compreendê-lo e, finalmente, desvendá-lo. Na utopia da posteridade sempre em construção, o educador projeta sonhos, demarca utopias, aposta desígnios, mesclando desejo de permanência com propostas de transformação (BOTO, 2002. p. 3).

A areté era inicialmente ligada a uma antiga cultura aristocrática, restrita aos nobres e teve como figuras paradigmáticas deuses e heróis. No período clássico a areté foi redefinida pelos sofistas, com o objetivo de atender as necessidades educativas da pólis, por meio do ensino da areté política, centrada na retórica. Nesse mesmo período, a filosofia platônica concebeu a areté como um ideal de moral, resultado na relação entre natureza e educação (RODRIGO, 2016).

De acordo com Rodrigo (2016), apesar de desde o início este conceito estivesse estreitamente ligado à questão educativa, no decorrer de seu desenvolvimento histórico, o ideal da areté humana sofreu alterações. Essas tanto foram produto de transformações sociais como também foi uma maneira de influência sobre elas. O que se manteve constante foi uma concepção unitária de formação humana como suporte da indagação sobre o caminho que a educação deveria trilhar para alcançar a areté. Como expressão de um ideal na educação, areté também remetia a busca de um aprimoramento de si mesmo, com o objetivo de alcançar a excelência. E dentro desta realidade, a ideia de virtude tinha como objetivo responder a questionar maneiras de tornar os homens melhores.

Ainda segundo Rodrigo (2016), no texto poético de Homero, que foi herdeiro da tradição oral que exprimia uma compreensão mítica do real, estes ideais apareciam encarnados nos atos e comportamentos de deuses e heróis. Ao poeta era dada a função de contar a história dos deuses e louvar as proezas dos heróis que, graças ao fruto de seu trabalho e excelência, eram dignos de permanecer na memória de gerações futuras. Limitar a areté como algo exclusivo às ideias aristotélicas surtiu efeito até o período arcaico da história grega. Já no período

clássico essa ideia veio a modificar-se por ocasião da consolidação da polis, considerada uma nova sociedade civil e urbana. Ela exigia outro tipo de educação que fosse capaz de atender às suas necessidades.

Na estrutura política da chamada cidade-Estado democrática, como corrido em Atenas, por exemplo, no qual haviam ideias debatidas antes da tomada de decisões e essas ocorriam em assembleias públicas, o uso da palavra de maneira persuasiva, e de técnicas da oratória, eram fundamentais nesse processo. Surge, então, neste contexto, os sofistas, considerado uma classe de educadores profissionais que, oferecia mediante pagamento, conceitos daquilo que consideravam como ensino da virtude, que nada mais era do que a educação política com foco na oratória.

As novas condições políticas da época clássica acarretaram, portanto, a uma redefinição conceitual de areté, com o objetivo de superar os limites da antiga educação, que restringia seu acesso aos que tinham origem nobre. “Ao incorporar à vida política uma massa mais numerosa de cidadãos, a cidade-Estado necessitava de uma formação capaz de propiciar a aquisição de qualidades diretivas que anteriormente eram privilégio de uma minoria aristocrática” (RODRIGO, 2016, p. 124).

No período clássico, além da visão sofística, consolidou-se outro entendimento de areté: a concepção socrático-platônica, no qual priorizavam, com base no saber filosófico, uma formação moral orientada pela razão e como base em princípios éticos.

Por influência de Sócrates, um processo semelhante ocorreu em relação à noção de areté que, definida com base na ideia filosófica de bem, redundou em um conceito de virtude dotado de validade universal ou, em outros termos, um ideal moral (RODRIGO, 2016, p. 126). [...] foi Sócrates quem ampliou o sentido de areté, indo da conotação de um talento ou competência numa arte particular, para um sentido moral, mais próximo daquele que atribuímos hoje ao termo virtude (GUTHRIE, 1995 apud RODRIGO, 2016, p. 126).

Com isso Platão pensou a questão da virtude (areté) em duas direções muito relacionadas: numa perspectiva ética, orientada pela meta educativa de Sócrates, e numa perspectiva política, direcionada a uma constituição da cidadania ideal. Embora o conceito de areté, como ideal formativo, estivesse presente na

cultura grega desde tempos remotos, ele passou por reformulações, inclusive devido a transformações político-culturais que assim o exigiram.

5 A IMPORTÂNCIA GREGA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A Grécia representou para si e os demais povos do oriente, um importante progresso para a comunidade, não sendo possível descrever sua posição revolucionária e solitária da Grécia na história da educação humana. A educação representou o sentido de todo o esforço humano, como justificativa última da individualidade humana. A importância universal dos gregos como educadores, procede da sua nova concepção do lugar do indivíduo na sociedade (CUNHA, 2008).

De acordo com Jaeger (1986) é indiscutível a premissa de que foi a partir do momento em que os gregos situaram o problema da individualidade, no auge de seu desenvolvimento filosófico, que deu início a história da personalidade europeia. “Foram os gregos quem pela primeira vez viram que a educação tem de ser também um processo de construção consciente” (CUNHA, 2008, p. 12).

Os princípios pedagógicos do povo grego visavam preparar os cidadãos para tomar as decisões da *pólis* e, assim, estimular o exercício da democracia, princípio também originário da Grécia Antiga. É com os filósofos que a racionalidade provém como capacidade humana de observar o contexto a partir de sua própria existência.

Os valores e concepções constituídos pela *paideia* fazem parte da herança cultural deixada pela Grécia ao mundo Ocidental. Desse modo, a educação concebida pelas sociedades atuais tem sua origem nos fundamentos dos povos helenos, quando os filósofos gregos passaram a compreender os seres humanos como capazes de observar sua realidade por meio da racionalidade. Assim, a educação, enquanto *paideia*, envolvia-se essencialmente na formação humana e, conseqüentemente, se integrava às dinâmicas sociais inerentes aos diferentes grupos que compunham a *polis* (CAMBI, 1999 apud WALTRICK; SANTOS; GROSCH, 2021, p. 994).

A partir das concepções educativas criadas pelos gregos na antiguidade, a educação ocidental se estruturou tendo os helênicos como referência. No Brasil, essa influência ganhou força a partir dos processos de colonização europeia, principalmente com a presença dos portugueses e das missões religiosas. Nesse sentido, compreender a origem dos princípios pedagógicos do ocidente é, de certo modo, compreender a trajetória educativa brasileira (WALTRICK; SANTOS; GROSCH, 2021).

A educação enquanto ação humana faz parte do dia a dia das sociedades desde o surgimento da Antiguidade. Os grupos humanos transmitem suas práticas e hábitos culturais para as gerações seguintes e assim ajudam os jovens e crianças a estar nos meios sociais. Isso dá a possibilidade para que se desenvolvam, nos espaços urbanos, a própria ciência. Nesse sentido, são os gregos que estruturaram os princípios educacionais para as sociedades ocidentais.

[...] ao resgatar os valores sociais, políticos e culturais deixados pelos gregos na Antiguidade, percebemos a necessidade da educação como um meio pelo qual os seres humanos se compreendem em suas vivências sociais. As sociedades que alcançam progressos tendem a praticar a educação (JAEGER, 2001 apud WALTRICK; SANTOS; GROSCH, 2021, p. 997) na busca de atender às conjunturas de cada povo, como seus valores, ideias e crenças. A consciência humana se desenvolve pelas atividades educacionais e, assim, procura entender a si e o mundo que a cerca. é por meio da educação que o ser humano tem a possibilidade de acessar os conhecimentos, produzidos pelas gerações que os antecederam, e aprimorá-los. Desse modo, o caminho da humanidade ao longo do tempo tem na educação um fundamento essencial para a transformação e desenvolvimento das sociedades (WALTRICK; SANTOS; GROSCH, 2021, p. 997).

Ainda de acordo com esses autores, os principais filósofos da Antiguidade grega, Sócrates, Platão e Aristóteles, fizeram consideráveis contribuições para a Paidéia, entendida por eles como princípio e modelo da educação. As visões de Platão para a Paidéia envolveram uma abordagem predominantemente política do aprendizado, voltada ao preparo ético e moral do cidadão da polis para as atividades do cotidiano. Além disso, as ideias platônicas também circundavam uma abordagem fundamentada na dualidade da matéria e das virtudes, a chamada teoria das ideias.

Nessa nova configuração da vida política, a formação dos jovens foi disputada entre sofistas e filósofos. Em geral, foi atribuído aos sofistas os fundamentos da Pedagogia e sua *téchne* ou arte da Educação. Essa reeducação do pensar continuou sendo desenvolvida por Platão, no qual ele não aceitava ser apenas uma continuação das ideias de Sócrates. Platão sustenta que a educação é a arte que tem por objetivo a conversão da alma: Não consiste em dar visão ao órgão da alma, visto que já a tem; mas, como ele está mal orientado e não olha para onde deveria, ela esforça-se por encaminhá-lo na boa direção (PLATÃO, 1986).

Assim, a educação não vai produzir algo de fora para dentro do indivíduo, mas despertar algo que já existe dentro dele, precisando apenas ser direcionado para o caminho certo. O desafio para a Paidéia platônica está na harmonização

entre dois ideais: a constituição de um Estado justo e a formação do homem virtuoso (MOTA; SILVA, 2017).

5.1 FORMAÇÃO INTEGRAL DOS SUJEITOS

A princípio, cabe ressaltar que é um dever de todo educador prezar pela formação integral dos sujeitos. A Constituição Federal de 1988 afirma que uma das finalidades da educação é o pleno desenvolvimento do educando. Ela é considerada dever da família e do Estado e foi inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Sua finalidade consiste no pleno desenvolvimento do educando, para que ele esteja preparado para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Dessa forma, a escola, em colaboração com a família e a sociedade, tem o papel de formar integralmente o sujeito, considerando seus aspectos físicos, emocionais e sociais. Assim, as habilidades socioemocionais devem ser desenvolvidas para que o aluno esteja preparado para lidar como futuro profissional e atue criticamente. Para isso, o indivíduo deve ser visto em sua totalidade e completude, ou seja, não só por meio dos aspectos intelectuais, mas também em sua formação como pessoa.

Ademais, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, em seu artigo 2º, reforça que a educação deve ser integral a fim de que as pessoas exerçam sua cidadania e consigam lidar com as exigências da vida adulta, dessa forma, vemos que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, não paginado).

Paralelo a isso, vemos que o ensino tem um papel emancipador e transformador, portanto, não são apenas os conteúdos que devem ser trabalhados na escola. Desse modo, para além dos conteúdos, os temas transversais possibilitam que as pessoas desenvolvam habilidades, autoconhecimento, cidadania, entre outros; que as permitam lidar com as relações interpessoais e atuar criticamente na sociedade, visto que o objetivo é preparar o indivíduo para o exercício da cidadania e qualificá-lo para o trabalho.

Com isso, percebemos que o modelo atual de educação adotado no Brasil, ainda que possua suas especificidades, a depender da região, preocupa-se com a formação integral dos sujeitos, visto que é amparado pela Constituição Federal de 1988 e pela LDB. Essas são legislações que orientam os demais documentos a serem produzidos pela escola.

O pleno desenvolvimento do educando deve ser previsto nos planos políticos pedagógicos e demais documentos inerentes ao contexto educacional, posto que devem seguir a legislação nacional vigente. Ademais, o pleno desenvolvimento deve ser colocado em prática pelos profissionais de educação, os quais são responsáveis por zelar pelo cumprimento das orientações propostas pelos documentos oficiais.

A partir disso, a Base Nacional Comum Curricular, de 2018, traz a definição de formação integral, a qual adotaremos neste trabalho. Assim, temos:

[...] a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva (BRASIL, 2018, p. 12, grifo do autor).

Com isso, entendemos que a formação integral considera o desenvolvimento de habilidades e competências que abrangem todas as dimensões formativas do educando. Ela pressupõe que, para além dos aspectos intelectuais/cognitivos, os físicos, afetivos, socioemocionais e culturais devem ser considerados e trabalhados nesse modelo de ensino. Dessa forma, acreditamos que a escola tem um papel importante nesse desenvolvimento integral, a fim de que os alunos aprendam e se formem integralmente, estando aptos para exercer seus direitos de cidadãos.

Portanto, entendemos que o professor deve considerar a realidade dos educandos em suas práticas, a fim de que a aprendizagem se torne significativa para os discentes e eles possam utilizá-la nas práticas sociais. Paralelo a isso, é preciso que o professor seja um mediador e não um transmissor do conhecimento, para que os educandos possam ser ativos na aquisição dos novos saberes e exerçam sua cidadania com dignidade.

5.2 A EDUCAÇÃO COMO UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

A educação aparece como uma realidade irreduzível nas sociedades humanas. Sua origem se confunde com as origens do próprio homem. Na medida em que o homem se empenha em compreendê-la e busca intervir nela de maneira intencional, vai se constituindo um saber específico que, desde a paidéia grega, passando por Roma e pela Idade Média, chega aos tempos modernos fortemente associado ao termo pedagogia (SAVIANE, 2007).

Prática essencialmente humana, a educação tende a refletir os paradigmas e o imaginário coletivo da sociedade de onde fala, reproduzindo valores, saberes, práticas, crenças, tradições; mas também vicissitudes, incertezas, perplexidades e contradições que permeiam o tecido social (BOTO, 2002).

A educação, para Boto (2002), passa a formar um objeto específico de um estudo sobre o ser humano que há por vir. Compreender a prática da educação supõe, portanto, contemplar um dado vir a ser, admirar-se com ele, tentar compreendê-lo e, finalmente, desvendá-lo. Nessa utopia do que pode vir a ser, que está sempre em construção, o educador projeta sonhos, define utopias, aposta em suas intenções, misturando um desejo de permanência com propostas de transformação.

Ainda de acordo com Boto (2002), a ideia de uma interdisciplinaridade, já é uma tentativa moderna de entender melhor o conceito de Paidéia grega. Surge ainda a proposta da didática, como um método de ensino que abrange mais pessoas. Já Assunção (2018) vai dizer que é, a partir daí, que está centrada a discussão do modelo educacional grego (Paidéia) e na formação do homem individual como sendo kaloskaiagathos (belo e bom) e como cidadão.

Assim como no caso da cidadania, a Paidéia era pensada para uma camada bem restrita, os polités (cidadão). Dentro deste grupo, os cidadãos chamados “bem-nascidos” (grupo abastado da sociedade ática) acabam tendo maior atuação e influência política por serem os portadores da skholé (ócio necessário e produtivo) e por poderem custear essa educação. Afinal, possuíam terras suficientes que lhes permitiam bons rendimentos, além de escravos e administradores de negócio, obtendo tempo livre para dedicarem-se ao aprendizado e ao exercício político (ASSUNÇÃO, 2018, p. 19, grifo do autor).

Em A República, Platão mostra a visão do homem em paralelo a noção de cidade justa. O justo seria aquele indivíduo que desempenha sua aptidão natural, no qual sua alma teria sido educada para a vida justa, em nome da harmonia da polis.

A República para Silva (2010) é um tratado da justiça e do Estado, em que Platão mostra que cada função deve se exercer pela virtude que lhe é própria. Assim, ao regular os apetites considerados inferiores, a temperança condiciona a coragem, que ordena as paixões, o que, em conjunto, possibilita o exercício da sabedoria. Essa, por sua vez, só pode ser alcançada através da educação. A educação, em Platão, deve formar homens de espírito livre, capazes de identificar o bem e se guiar conforme as normas do mundo das ideias. A concepção platônica de educação serve de modelo, respectivamente ao modelo grego de educação que surgiu anteriormente, para uma formação em sua plenitude e não mera instrução técnica.

A filosofia platônica se descreveria a partir da tentativa de encontrar solução para o problema do conhecimento. A origem do conhecimento e a forma como as ideias relacionam-se com os objetos ocuparão espaço importante nas investigações de Platão, que se ocupa em esboçar, particularmente no Banquete e na República, uma saída para os problemas éticos e políticos de seu tempo. Platão vê na ausência da ciência, da virtude (areté) e da justiça, a causa dos males que degradam a cidade (PAGNI, 2010).

O próprio Sócrates teria sido vítima dessa falta de verdade, de virtude e de justiça. E, por causa disso, foi condenado à morte o homem mais justo de seu tempo. Esse era um dos sinais mais claros da decadência grega. Por esse motivo, Platão teria se dedicado a ideia de uma verdadeira filosofia e trabalhado para que os filósofos chegassem ao poder ou para que os governantes começassem a filosofar.

Platão imagina a filosofia e idealiza o filósofo como educador do Estado e dos cidadãos, como afirma Pagni (2010), conferindo a ele um papel central no funcionamento da cidade ideal. Isso amplia os ensinamentos de seu mestre e constrói as bases de um pensamento e de uma pedagogia pensada por ele. Com isso, não apenas aborda os problemas vividos ao longo da história e pensados por Platão referentes à filosofia e à Paidéia, como também demarca a história da filosofia da educação subsequente. Essa ideia continua sendo discutidas até hoje, por causa de sua influência e repercussão no discurso pedagógico e na atividade do educador.

Ainda neste sentido, Pagni (2010) afirma que Platão fornece uma imagem plástica daquilo que constitui os desafios éticos e políticos que devem ser enfrentados pela Paidéia. Chegar ao reconhecimento do que seja o Bom, o Bem, o Belo e o Justo requer uma reeducação do olhar.

Platão tem consciência de que a reforma moral e política de Atenas requer uma redefinição da Justiça, a qual deve ser inerente à alma, cuja essência não se pode pôr em dúvida, do contrário ela seria apenas um reflexo das variáveis externas e dos interesses políticos particulares. Partindo da pergunta o que é a justiça? Platão a define a partir da ideia de homem virtuoso e do ideal de cidade justa.

Com isso, para Platão, o desenvolvimento das virtudes de cada cidadão, deveria neste sentido, levar em consideração as qualidades fundamentais para o bom funcionamento do Estado justo. Isso ocorreria através da reforma da cultura e da educação de seu tempo, levando em conta a constituição da Paidéia justa. Será no esforço de se construir essa Paidéia, solidificada sobre o real da ideia de justiça, que Platão não aceitará uma educação que tem como modelo a poesia épica. Ele tinha como objetivo elaborá-la em termos de uma educação que forme o *logos*.

Essa nova educação irá depender do valor educativo da palavra e do seu valor de conhecimento. Dessa forma, Platão procura rivalizar com o ponto de vista religioso e também com a sofística, contrapondo-lhe a ideia moral de responsabilidade do homem. Essa premissa se fundamenta na autodeterminação moral de si próprio sobre a base do conhecimento do Bem, assim como almeja conceber uma Paidéia destinada à formação do bom governo (PAGNI, 2010).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia platônica trabalha sistematicamente com a questão acerca do problema do conhecimento, sua origem e a forma como as ideias relacionavam-se com os objetos. Platão se ocupa em esboçar, particularmente nas obras - Banquete e República, uma saída para os problemas éticos e políticos de seu tempo. É na ausência da ciência, da virtude (areté) e da justiça que Platão entende a causa dos males que degradavam a sociedade.

Este trabalho e seu tema: A Paidéia grega e as perspectivas do povo grego, não teve, em nenhum momento, a pretensão de encerrar ou trazer conceitos fechados e definitivos acerca da educação e da busca pelo conhecimento. Seu objetivo foi trazer luz à busca de iluminar conceitos obscuros atuais, no que diz respeito a educação ou a falta dela. Olhar para trás não é retroceder diante das evoluções educacionais do nosso tempo, mas valorizar e revisar conceitos fundamentais e seus autores, que se perderam ao longo do caminho rumo ao conhecimento.

Platão, sem dúvida, nos serve de modelo na busca pela plenitude do ser humano. Em suas obras, ele busca mostrar também posturas éticas e práticas políticas que influenciariam o contexto educacional da cidade grega e, aqui cabe pontuar, também corresponde aos mesmos problemas do nosso tempo. De acordo com os escritos de Platão, é um dever de todo educador, prezar por uma formação integral do ser humano.

A Paidéia, como princípio e modelo da educação, também prestou importantes contribuições para outros filósofos da Antiguidade, como Sócrates e Aristóteles, que também entendiam a educação como ação humana do dia a dia da sociedade. Grupos transmitiam seus hábitos e culturas para as novas gerações, possibilitando a reflexão e cultuando um modo de fazer ciência como vemos hoje.

A sociedade que entende a educação como um meio de compreensão de suas vivências sociais compreende os processos educacionais como forma de atender às necessidades reais de cada povo. E esse processo leva em consideração, e não excluindo, seus conjuntos de valores e crenças.

A construção de uma consciência humana, em sua forma ampla, se desenvolve no exercício diário das práticas educacionais e, assim, procura entender a si e ao mundo à sua volta. Ao término desta pesquisa, é prudente concluir que é

através da educação, exercida aos moldes daquela proposta por Platão para os cidadãos atenienses, que o cidadão adquira e pratique valores e comportamentos sociais reafirmando seu lugar enquanto membro efetivo da sociedade em que vive.

O ser humano passa a ter a possibilidade de acesso aos conhecimentos produzidos por gerações anteriores, tendo ainda condições de aprimorá-los. É nessa lógica de entendimento que a humanidade pensada por Platão diz ser capaz, de que, ao longo das gerações, o ser humano possa compreender o contexto educacional de seu tempo. E isso faz com que o Homem passe da ignorância a verdade, essa construída através do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ASSUMÇÃO, Marla Rafaela Lima de. **Educação para uma formação cidadã: Uma análise do discurso político-pedagógico na Paidéia clássica ateniense (Século V – IV a.C.)**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado em História, Ensino e Narrativas) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2018. Disponível em: <https://www.ppghist.uema.br/wp-content/uploads/2016/12/dissertacao-marla-rafaela-CD-ROM.pdf>. Acesso em: 07 set. 2022.

BARRETO, Márcio. A luz onírica da ciência. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 67, n. 3, p. 33-37, jul./ set. 2015. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252015000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 out. 2022.

BOHM, Winfried. **História da Pedagogia de Platão na atualidade**. 3. ed. Florianópolis: Conceito Editorial, 2010.

BORTOLINE, Rosane Wanderschee; NUNES, César. A Paidéia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego. **Revista Filosofia e Cultura**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 21-36, jan./ abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8651997/17695>. Acesso em 05 out. 2022.

BOTO, Carlota. Por uma ética em profissão: rumo a uma nova paidéia. **Revista Interface**, Araraquara, v. 6, n. 10, p. 9-26, fev. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2002.v6n10/9-25/#ModalArticles>. Acesso em: 06 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 01 ago. 2022.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 01 ago. 2022.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 01 ago. 2022.

CUNHA, Jorge Luiz da (Org.). **História da Educação**. Santa Maria: [s.n], 2008. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18285/Curso_Lic-Peg_Historia-educacao.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 26 set. 2022.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JUNIOR, José Policarpo; RODRIGUES, Maria Lucicleide Falcão de Melo. Princípios orientadores da formação humana: dimensão normativa da educação. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p. 95-103, jan./ abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/XVgP3vrDpzxwHFMwdVgj8SF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 set. 2022.

MOTA, Fernanda Antônia Barbosa da; SILVA, Heraldo Aparecido. Aspectos da formação humana: paidéia, bildung e geofilosofia da educação. **Eccos Revista**, São Paulo, n. 43, p. 53-68, maio/ ago. 2017. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-92782017000200053&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 out. 2022.

OLIVEIRA, José Silvio de. **A Paideia grega**: A Formação Omnilateral em Platão e Aristóteles. 2015. 360 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2370/6763.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 out. 2022.

ORTH, Arlete Cherobine. *et al.* O legado da paideia para a educação brasileira. **Revista eletrônica UniCruz**, v. 9, n. 3, p. 47-57, 2020. Disponível em: <https://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/dialogus/article/view/378>. Acesso em: 23 out. 2020.

PAGNI, Pedro Angelo. A Filosofia da Educação Platônica: o desejo de sabedoria e a paideia justa. **Unesp**, São Paulo, p. 1-18, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/126/3/01d07t01.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

PAIDEIA, UNICAMP/FE, **Documento 003**, 2012. Disponível em: <https://www.paideia.fe.unicamp.br/sobre-o-paideia/o-que-e-paideia>. Acesso em: 29 set. 2022.

PLATÃO. **A República**. 2. ed. Tradução Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007.

_____. **Fedro**. Tradução Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães editores, 1986.

RODRIGO, Lídia Maria. A Areté como ideal formativo da Paideia grega. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, n. 26, p. 120-132, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4859>. Acesso em: 15 set. 2022.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia: O espaço da educação na universidade. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, v. 37, n. 130, p. 99-134, jan./ abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/6MYP7j6S9R3pK LXHq78tTvj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 out. 2022.

SILVA, Nathália Lipovetsky e. A paideia grega como contribuição para a realização da justiça através de uma educação para a cidadania e os direitos humanos. In: **Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI**. Fortaleza: CONPEDI, 2010. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/4172.pdf>. Acesso em: 01 out. 2022.

TEIXEIRA, Evilazio F. Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

WALTRICK, Ana Paula; SANTOS, Vanice dos; GROSCHE, Maria Selma. A presença da Paideia na pedagogia de Paulo Freire: Uma proposta de uma educação cidadã. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, p. 993-1008, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68487>. Acesso em: 04 out. 2022.